

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a solid blue rectangular background.

Os lugares dos excluídos e a modernidade falida [The places of the excluded and modernity bankrupt]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Augé, Marc
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-19 12:27:43
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162819

Os lugares dos excluídos e a modernidade falida

Entrevista com Marc Augé

“Se hoje a periferia é um mundo que amedronta e no qual parece impossível se aventurar, é também porque nas últimas décadas este lugar típico da modernidade urbano conheceu uma transformação radical que modificou radicalmente os espaços e as relações sócias”. Marc Augé, o antropólogo dos “não lugares” que muitas vezes se interrogou sobre os códigos e sobre os ritos da contemporaneidade, fala das periferias como de uma realidade complexa em movimento, dificilmente capaz de ser reconduzida a poucas coordenadas estáveis e definidas. Para o antropólogo, hoje existem muitos modelos de periferia, muitas vezes sobrepostos.

No passado, explica, a periferia era uma espécie de mundo intermediário entre a cidade e a campanha. Hoje, as fronteiras entre estes dois mundos aparecem como incertas. A urbanização desestruturou a cidade, desenvolvendo-a ao longo dos grandes eixos de comunicação e dando vida a um tecido urbano híbrido que se estendendo um pouco por tudo. No seu interior, surgiram diversos tipos de periferia imbricadas umas com as outras. Ao lado do universo tradicional das vilas, nasceram os bairros dormitórios. Estes novos bairros, sem estrutura social e de serviços são, muitas vezes, isolados do espaço próximo, mesmo se surgem ao lado de outros aglomerados urbanos. Muitas vezes os primeiros sintomas de tensão nos bairros periféricos aparecem nos confins dos diversos tipos de periferia. Na França, por exemplo, nas vilas vivem os representantes de uma pequena burguesia voltada sobre si mesma, enquanto que nos bairros-dormitório se concentram as populações de imigrantes. A entrevista com Marc Augé foi publicada pelo jornal italiano **La Repubblica**, 11-11-05.

Sempre foi assim?

Os grandes bairros-dormitório nascidos nos anos 1970, hoje estão decrépitos e à margem da explosão. Representam a falência de uma idéia de modernidade. Inicialmente representavam o sonho de uma vida melhor. Eram o símbolo de um possível progresso social. A evolução socioeconômica os transformou em guetos cheios de desespero e ressentimento. Foram abandonados, sem completar as necessárias infra-estruturas sociais e culturais. Pouco a pouco, se tornaram lugares de estacionamento para as populações imigradas flageladas pelo

desemprego. Deviam ser um espaço de integração social, mas se transformaram num lugar de exclusão. As periferias degradadas se tornaram o pólo negativo da sociedade, um pólo que catalisa os medos dos outros”.

Entre este tipo de periferia e o resto da cidade ainda existem relações?

Cada vez menos. Nas grandes metrópoles, o tecido urbano é composto e disperso, mas, no seu interior, a segregação espacial é marcante. Também quando os bairros-dormitório se reencontram no interior das cidades, permanecem sempre como

um mundo separado. Os habitantes destes bairros e os outros se ignoram. Não têm relações sociais. É como se não se vissem. Conseqüentemente, cada um projeta sobre o outro os próprios fantasmas e os próprios medos. Quem habita no centro imagina as periferias como um universo de violência, enquanto quem habita na periferia imagina o centro como lugar onde se concentra tudo aquilo de que se sente excluído.

Os grandes bairros dormitório podem ser considerados como 'não lugares'?

Para nós aparecem como “não-lugares”, isto é, espaços anônimos sem traços da história de quem viveu ou das relações sociais que lá se desenvolveram. É, no entanto, uma impressão relativa porque para os habitantes destes lugares tão pouco atraentes eles são o único espaço com que podem se identificar. São a única realidade que conhecem e a única na qual não se sentem estrangeiros. São espaços degradados e infelizes, mas inseparáveis da sua história. Os habitantes os investem de sentido e de uma identidade que, muitas vezes, é uma identidade relativa, nascida do sentimento de exclusão. Para os jovens entre quinze e vinte e cinco anos que têm a impressão de não ter nenhuma colocação na cidade, o bairro torna-se o único espaço que ele podem se apropriar. Este espaço muito limitado e do qual, raramente, podem sair, torna-se o território que é preciso defender.

Nesse sentido, a fronteira entre a periferia, e o resto da cidade se torna cada vez mais intransponível.

Quem habita na periferia acaba por interiorizar a fronteira que o separa das outras fronteiras. Não por acaso, quando os jovens das periferias vão para o centro, permanecem juntos. Frequentam os espaços que mais recordam o anonimato dos seus bairros. A fronteira está na sua cabeça. É como

se permanecessem confinados nas periferias ainda que não se encontrem lá. Naturalmente, para tais situações contribuem muito os outros que projetam sobre a periferia os seus preconceitos e a sua desconfiança. Pela fúria de sentirem-se considerado diferente, os jovens das periferias terminam por reivindicar tal diversidade.

Por que se organizam em bandos?

A sensação de não ter nenhum destino pessoal no interior da coletividade nacional os leva a criarem o refúgio das minicoletividades de base territorial. Isso lhes permite reencontrar uma identidade coletiva, construída em oposição ao mundo que não os quer acolher. Nestes pequenos grupos, se misturam pessoas de origens muito diferentes, dando lugar a uma identidade mestiça muito longínqua das tradicionais. São identidades que depois se conotam pela linguagem, pelos comportamentos, pelos modos de vestir etc. Assim, as tribos periféricas se tornam produtoras de cultura, no sentido que criam modos de comportamento e de comunicação. É preciso também recordar que, muitas vezes, as microcomunidades reproduzem os modelos de exclusão que sofrem, aplicando-os nos confrontos com aqueles que vivem fora do seu espaço.

Por que sempre a periferia é associada à violência?

Não acredito que o mundo das periferias seja mais permeável que os outros à violência. É, antes, a visão dos outros que projeta incessantemente a violência sobre estes bairros, como se fosse a sua única dimensão. No século passado, o poder temia o que ele chamava as “classes perigosas”. Hoje, o discurso dominante está fabricando novas “classes perigosas”, só que se trata de grupos de jovens localizados em determinadas áreas urbanas. Os jovens que hoje se revoltam nas periferias

francesas quebrando tudo, agem como se, improvisamente, quisessem aderir in toto à imagem que a sociedade faz deles. A sua violência é um sintoma de desilusão e uma demanda. Para as pessoas constantemente discriminadas por causa do bairro em que vivem, da cor da pele ou da bagagem econômica e cultural, a violência se torna um modo de existir e ser reconhecidos. Sem violência, ninguém se preocuparia com eles. Naturalmente, isso é só uma constatação e não uma justificação.

Transformando e rehabilitando o espaço das periferias é possível inverter a tendência?

O espaço e o social estão sempre conectados. No entanto, não basta transformar o espaço para modificar as relações sociais. A restauração dos bairros deve fazer parte de uma batalha mais geral contra a marginalização socioeconômica dos seus habitantes. Dito isso, as intervenções urbanísticas podem ser úteis para superar o isolamento. A degradação do espaço não só exprime a degradação social mas a multiplica. Renovar e transformar os guetos urbanos é um modo de reconhecer e valorizar os seus habitantes. E quando nos sentimos respeitados, respeita-se também os outros.

Artigo da semana

França: jovens e automóveis do tempo presente

Por Luís Carlos Lopes

”O anarquismo incendiário destes jovens, não-politizados pela escala convencional, talvez tenha muito mais significados do que se imagine. Seriam eles os novos bárbaros que abalariam os fundamentos do neoliberalismo? É cedo para afirmar. O que se sabe é que está ocorrendo na França pode ocorrer em muitos outros lugares do mundo. Basta haver miséria, poder de Estado insensível, gasolina e juventude”. A análise é de Luís Carlos Lopes, professor do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense em artigo publicado pela **Agência Carta Maior**, dia 7 de novembro de 2005. Eis a íntegra do artigo, publicado também no sítio www.unisinos.br/ihu na última semana.

A mídia trata a rebelião juvenil nos subúrbios de Paris como obra de vândalos e incendiários. Como não atentar para o fato de que esses rebeldes, ao contrário dos de 1968, vêm das periferias urbanas e escolheram o automóvel, principal bem simbólico de nosso tempo, como alvo?

A rebelião juvenil, começada há mais de dez dias nos subúrbios de Paris, está se espalhando, com características muito semelhantes, por várias partes do território francês. As notícias veiculadas

falam de um *modus operandi* que inclui a destruição obsessiva de automóveis, o incêndio de prédios públicos e privados e o enfrentamento com as forças policiais.

O coquetel Molotov garrafa com gasolina e uma mecha parece que é a principal arma dos insurretos. Há notícias do uso de pedras, de paus e dos punhos. Domingo último, foi noticiado um caso isolado de uso de armas de fogo, produzindo alguns feridos. As polícias, encarregadas da repressão,